

VIAGEM À TERRA DE DECROLY: UMA BRASILEIRA NA VII ASSEMBLEIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Voyage to Decroly land: a brazilian at the VII World Assembly of preschool education

Viaje por la tierra de Decroly: una brasileña en la VII Asamblea Mundial de Educación Preescolar

Ana Chrystina Mignot 

Vanessa Lima Correia 

Priscila de Araujo Garcez 

RESUMO

Interpretar a presença de Laura Jacobina Lacombe, educadora católica com ampla inserção em associações nacionais e internacionais, numa intrincada rede de educadores brasileiros e estrangeiros, católicos e laicistas, defensores das escolas públicas ou particulares, na VII Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar, em Bruxelas, em 1958, visa compreender sua trajetória intelectual e visibilizar a presença feminina na história da educação infantil. Dialogando com a literatura acadêmica sobre intelectuais e viagens pedagógicas, compreendemos a mulher que faz a travessia, a fundação da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP) internacional e nacionalmente, sua indicação para presidir a ONG no Brasil, a participação no evento e os desdobramentos em seu percurso profissional.

Palavras-chave: Laura Jacobina Lacombe; OMEP; VII Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar; Viagens de educadores; Intelectuais católicas.

ABSTRACT

Interpreting the presence of Laura Jacobina Lacombe, a Catholic educator with extensive involvement in national and international associations, within an intricate network of Brazilian and foreign educators, both Catholic and secular, supporters of public or private schools, at the VII World Assembly of Preschool

Education in Brussels in 1958, aims to understand her intellectual trajectory and highlight the presence of women in the history of early childhood education. In dialogue with academic literature on intellectuals and pedagogical journeys, we understand the woman who made the crossing, the founding of the World Organization for Preschool Education (OMEP) both internationally and nationally, her nomination to preside over the NGO in Brazil, her participation in the event, and the subsequent developments in her professional path.

Keywords: Laura Jacobina Lacombe. OMEP; VII World Assembly of Preschool Education; Educators' voyages; Catholic intellectuals.

RESUMEN

Interpretar la presencia de Laura Jacobina Lacombe, una educadora católica con amplia inserción en asociaciones nacionales e internacionales, en una intrincada red de educadores brasileños, extranjeros, católicos y laicos, defensores de las escuelas públicas o privadas, en la VII Asamblea Mundial de Educación Preescolar, en Bruselas, en 1958, pretende comprender su trayectoria intelectual, y resaltar la presencia femenina en la historia de la educación infantil. En diálogo con la literatura académica sobre viajes pedagógicos, comprendemos la mujer que hace la travesía, la fundación de la Organización Mundial para la Educación Preescolar (OMEP), a nivel internacional y nacional, la indicación de su nombre para presidir la organización no gubernamental en Brasil, su participación en el evento y sus consecuencias en su carrera profesional.

Palabras clave: Laura Jacobina Lacombe; OMEP; VII Asamblea Mundial de Educación Preescolar; Viajes de educadores; Intelectuales católicos.

Introdução

Viajar para o exterior, participar de evento internacional, conhecer experiências educacionais estrangeiras ou representar o país em fórum de educadores; não eram inusitados para Laura Jacobina Lacombe quando compareceu à VII Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar, em Bruxelas, em 1958. A viagem se deu três anos depois de assumir a presidência do Comitê Brasileiro e, com isto, a responsabilidade de ser a representante de seu país naquele evento que reunia educadores de várias partes do mundo para discutir “O desafio das crianças: a importância da unidade e continuidade na educação de crianças pequenas”, como temática central.

Poucas mulheres de seu tempo viajaram tanto quanto Laura Jacobina Lacombe em missões de estudo e trabalho, buscando sempre se atualizar naquilo que havia de mais moderno em educação, o que instiga interpretar as travessias por ela realizadas, bem como as finalidades, as razões para partir, as realidades encontradas, as dimensões formadoras, as repercussões em sua vida e as implicações em sua trajetória profissional. Em diálogo com a literatura acadêmica sobre viagens e atentas aos aspectos acima mencionados, na arquitetura deste texto pretendemos tomar como fio condutor os contextos de criação internacional e nacional da organização voltada para a pré-escola, as razões para que fosse convidada a liderar a mesma, as viagens que empreendeu, bem como os desdobramentos na vida profissional da viajante e as repercussões das viagens que se expressam nas estratégias adotadas em defesa da escolarização das crianças pequenas.

Eleger a Assembleia de 1958 não significa que iremos nos restringir a ela, pois as viagens de Laura Jacobina Lacombe denotam uma dimensão diacrônica. Para que possam ser compreendidas, do ponto de vista metodológico, exigem recuos e avanços no tempo para conferir inteligibilidade à sua presença na Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP). São referências temporais que singularizam seus deslocamentos físicos e subjetivos entre diferentes países.

Para tanto, recorremos a Antoine Prost (2012, p. 96), quando afirma que o recorte temporal é uma necessidade prática do historiador, isto é, “está incorporado, de alguma forma, às questões, aos documentos e aos fatos; é a própria substância da história.” Apesar deste não ter sido o primeiro evento do qual ela participou como representante da OMEP/Brasil, a Assembleia de 1958 teve a marca comemorativa pelos seus dez anos, assim, foi possível interpretar como os fundadores daquele organismo internacional avaliaram as conquistas, os desafios e as disputas que ali se travaram. Além disso, Laura Jacobina Lacombe teve uma atuação mais destacada ao ser convidada para coordenar uma das sessões da VII Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar.

Com esta perspectiva, como pano de fundo, elegemos este evento para examinar a trajetória dessa educadora viajante, procurando entendê-la como uma intelectual, que na acepção de Jean-François Sirinelli (1996) organizou-se

em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum, e de afinidades mais difusas, construiu e disseminou conhecimentos fazendo ideias circularem, o que instiga a não apenas conferir visibilidade a tais ideias, mas a desvelar a intelectual que as produziu. Na qualidade de intelectual mediadora, Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen (2016, p.12; 22) auxiliam na interpretação de sua “forma específica de mediação cultural” em relação com as “questões constitutivas de sua atividade intelectual” que têm uma conotação fluida e polissêmica, diante de seus processos de criação/produção e mediação voltados para a construção de uma pedagogia específica que utilizou elementos das doutrinas católicas.

Laura Jacobina Lacombe também precisou ser vista aqui em sua condição identitária de mulher católica (Rancière, 1993), condição que se constitui em um prisma sobre os quais os aspectos religiosos, em alguns momentos, se sobrepõem especialmente quando assumiu liderança no campo educacional, como por ocasião da criação da OMEP/Brasil. Como intelectual procurou atender interesses do grupo religioso ao qual pertencia, pois afinal, segundo Evelyn Orlando (2015), é preciso desvelar outros espaços em que mulheres católicas profundamente engajadas nas questões sociais de seu tempo ocuparam na vida pública como produtoras e mediadoras de uma cultura católica resultante de suas experiências de viagens.

Em nossa operação historiográfica, exploramos um amplo *corpus documental* que compreende textos de natureza distintas preservados em instituições diversas: entrevista oral concedida pela educadora ao Museu da Imagem e do Som (MIS), em 1974, Anais de assembleias mundiais da OMEP disponíveis na *Web*, correspondências, discursos, matérias de jornal sob a guarda da OMEP/RJ, além de documentação do Colégio Jacobina presentes na Costura e Lactário Pró Infância (CELPI). O cruzamento desses documentos permitiu interpretar a atuação de Laura Jacobina Lacombe em associações católicas e instituições educacionais, o que lhe favoreceu hibridizar inovações pedagógicas com a fé que professava.

Tal opção possibilita interrogar sua participação no debate educacional para além dos anos de 1920 e 1930, consagrada na historiografia da educação, alargando, assim, a compreensão sobre a militância católica que lançou mão

estrategicamente da criação da OMEP/Brasil para ampliar sua presença na cena internacional em favor da educação infantil.

Depois da guerra, proteger a infância

A partir de 1955, quando assume a presidência da OMEP, as viagens de Laura Jacobina Lacombe se amiúdam, pois passa a participar das assembleias mundiais da OMEP que se realizavam de dois em dois anos e, depois, de três em três anos. Havia urgência em atender as pequenas crianças abandonadas no pós-guerra. Segundo Maria Olympia da Silveira Ferreira e Maria da Luz Fernandes Perim (2003), as reuniões que permitiram sua origem se iniciaram ainda em 1946, quando mulheres se mobilizaram para encontrar solução para a situação das crianças e, para tanto, promoveram encontros na Inglaterra, Suécia e Noruega, respectivamente, quando idealizaram uma organização internacional voltada para a educação pré-escolar.

Como se pode ver, a fundação internacional da OMEP, em 1948, se deu em meio a muitas travessias. Suas idealizadoras – Marjorie Allen de Hurtwood, Marie Bartuskowa, Alva Myrthal e Suzanne Herbenière-Lebert – precisaram transitar para convencer autoridades, governantes, intelectuais, organismos internacionais e a população sobre a importância da educação das crianças de 0 a 7 anos, as maiores vítimas da morte, do abandono e da fome durante a guerra, como lembra Maria Cecília Amêndola da Motta (2003). Deste modo, os deslocamentos por elas realizados favoreceram a circulação de modelos e práticas pedagógicas que ambicionavam interferir nas políticas para a pré-escola em todo o mundo.

A VII Assembleia Mundial, na Bélgica, em 1958, serviu de pretexto para a OMEP celebrar seus 10 anos de existência. Os conferencistas da sessão de abertura fizeram alusões à sua criação, constituição e compromissos assumidos, como se observa nos seus Anais¹. A data sugeria comemorar, fazer o balanço do vivido, perpetuar uma dada memória da entidade. No texto inicial, que figuraria com poucas alterações nos anais das assembleias seguintes sobre as

¹ Ver *7ª Assembleia Mundial da OMEP*, Bruxelas, OMEP, 1958. Disponível em: http://www.worldomep.org/index.php?hCode=CONF_LIST. Acesso em 01 jun. 2021. Tradução dos Anais das Assembleias Mundiais feita por Vanessa Lima Correia.

suas origens, retomava-se o contexto da fundação, sujeitos e instituições que mais haviam contribuído para a sua expansão, especialmente os esforços de suas fundadoras para reunir interessados em planejar a criação de uma organização internacional. Lembrava-se ainda das reuniões preparatórias, no escritório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em Paris e em Copenhague. Quando começou a ser idealizada, “o mundo ainda estava doente e perturbado”, conforme o texto de abertura *Origins of OMEP* (OMEP, 1958. p. 3).

A semelhança de propósitos entre a OMEP e a UNESCO foram igualmente enfatizados na sessão de abertura do evento por Harold W. Loper, seu diretor do Departamento de Educação. Ausente, encaminhou uma mensagem aos congressistas na qual assinalou que as duas estavam unidas no objetivo de estudar e promover ações em favor das crianças, de modo a contribuir para felicidade e a paz no mundo. Destacou, ainda, a importância daquele organismo internacional no processo de criação da OMEP. Fora sob os seus auspícios que se realizara a primeira Conferência Mundial sobre Crianças Pequenas, em 1948. Ao longo do tempo, a UNESCO sempre a convidou para conferências especializadas e encontros de especialistas, pois os estudos efetuados permitiram ampliar a educação das crianças pequenas por diversos países. Reafirmou, assim, a importância das contribuições recebidas em prol das crianças e de suas famílias e, conseqüentemente, para a paz no mundo (Loper, 1958, p.8).

A criação da OMEP representava o esforço de retomar a luta pela paz que marcou o entreguerras, luta esta que, segundo Luis Miguel Lázaro Lorenze (2016), gerou a criação e revitalização de organizações femininas, visto que foram as mulheres as primeiras que se organizaram internacionalmente em torno desse tema, ainda no final do século XIX. A Liga das Nações impulsionara, a seu ver, os princípios de cooperação e entendimento internacional, de modo a assegurar a paz, estimulando governos a envolver os professores em tal compromisso. No seu entendimento, naquele contexto, o *Institut Jean Jacques Rousseau* e o *Bureau International de Educacion* desempenharam papel destacado neste processo, na medida em que mobilizaram autoridades, associações do magistério e organizações sindicais de vários países da Europa e das Américas, de modo a construir “um entendimento internacional e promover

os interesses da paz no mundo” (Lázaro Lorenze, 2016, p. 38). Terminada a guerra, vistas como o futuro do mundo, as crianças passam a ser, em 1946, alvo privilegiado de projetos pacifistas em busca de assegurar um mundo melhor.

Na retrospectiva sobre os dez anos da OMEP, efetuada na abertura da VII Assembleia Mundial, um alerta chama a atenção: se a entidade crescera era preciso ter presente que nenhuma pessoa, organização ou país teria impedida sua filiação à OMEP por motivações de “raça, credo, nacionalidade ou opinião pública”. Tal perspectiva, assinalada no texto de abertura da Assembleia, anteriormente citado, estava fundada na compreensão de que ela seria capaz de “demonstrar ao mundo que adultos com diferentes perspectivas religiosas, políticas e raciais podem trabalhar em harmonia para proteger e promover os interesses de crianças pequenas e para fortalecer os fundamentos da família” (OMEP, 1958, p. 3). Destacava, ainda, que ao longo dos anos de funcionamento, alguns países haviam constituído comitês nacionais como a Austrália, Áustria, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Grécia, Israel, Noruega, África do Sul, Suécia, Estados Unidos, Uruguai e Iugoslávia, o que significava “a força e a influência da entidade” (OMEP, 1958, p. 3).

O tom laudatório também estava presente nos discursos dos organizadores na sessão de abertura, como no de Mlle. Alice Claret, Vice-Presidente da OMEP e Presidente do Comitê Nacional da Bélgica que, em sua fala acentuou uma tradição da entidade. Havia sido criada “no país de Comenius, e lá havia afirmado seu compromisso com os primeiros anos da vida humana e a necessidade de promover os estudos e a educação de crianças pequenas em todos os países e promover a infância feliz [...] assim contribuindo para a paz” (Claret, 1958, p. 4). Lembrava aos participantes que eles estavam “no país de Decroly, sob o Alto Patrocínio de Sua Majestade, a Rainha Elizabeth da Bélgica, que entende os objetivos da OMEP e dentro do escopo da Exposição Universal e Internacional em Bruxelas” (Claret, 1958, p.4).

Os discursos proferidos na abertura do evento expressam o entendimento de Lucia Regina Goulart Vilarinho (1987), quando afirma que o atendimento à educação pré-escolar só começou a ser levado em conta por autoridades governamentais e organismos internacionais a partir da II Guerra Mundial, quando passa a ser visto como instrumento de desenvolvimento econômico pela

Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (OMEP), criadas na segunda metade da década de 1940, o que teve influência decisiva na expansão da pré-escola no Brasil. A ênfase na importância da pré-escola no mundo resultaria, a seu ver, de um conjunto de fatores, como mudanças na família e no trabalho feminino e alterações no processo de urbanização das cidades quando as famílias passam a viver em apartamentos sem espaço para atividades das crianças, entre outros. Neste contexto, a educação pré-escolar passa a ser concebida como fator capaz de ajudar os povos subdesenvolvidos na superação da dependência social e econômica.

Pelos direitos das crianças brasileiras

No ano de fundação da OMEP no Brasil, 1953, a situação da pré-escola era muito precária. Autoras anteriormente citadas indicam que na década de 1950 existiam poucas escolas, com um inexpressivo número de crianças matriculadas, frágil legislação, ausência de formação especializada, desinteresse pelo tema tanto em eventos que reuniam educadores quanto em periódicos da área. Estas seriam razões suficientes para instalar um Comitê Brasileiro. Sem negar a existência destes problemas como inspiradores da fundação da entidade, algumas informações em documentos sinalizam para a existência de outros interesses e disputas em pauta.

Em suas memórias dos primeiros tempos, Laura Jacobina Lacombe enfatiza, conforme Maria Olympia da Silveira Ferreira e Maria da Luz Fernandes Perim (2003, p.41): “Em 1952, educadores brasileiros, que participaram no México, do 4º Congresso da OMEP de lá voltaram entusiasmados com a ideia de implantar a OMEP aqui no Brasil”. Com estas duas informações e seguindo a sugestão de Robert Darnton (1986), quando lembra que ao encontrarmos um ritual ou um poema que nos parece estranho, aí reside a chave de compreensão, buscamos indícios que justificassem o interesse de educadores católicos na fundação da entidade em nosso país. Luísa Delgado de Carvalho (2014, p. 113) transcreve o rascunho manuscrito, rasurado, sem data e incompleto de uma carta escrita por Laura Jacobina Lacombe, endereçada às mães que dirigiam

escolas católicas do país, na qual relata que fora procurada pelo Pe. Alvarez Mejiá, o que corrobora com a hipótese de que a fundação da OMEP/Brasil atendia a outros interesses:

Revmas Madres,
Venho dizer-lhes algumas palavras apenas em referência ao ensino pré-primário.
Em fins de 1952, passou pelo Rio, o RP. Alvarez Mejiá.
Estava ele preocupado com o congresso da OMEP que assistira no México e era este o motivo que lhe tinha feito empreender uma viagem pela América Latina.
Percebera a importância da primeira infância e verificou a ausência dos católicos neste campo em número suficiente.
Fez um apelo a AEC para que encabece procu [ilegível]
(rascunho de carta de Laura Jacobina Lacombe).

A preocupação do Pe. Alvarez Mejiá, comunicada à então secretária da Associação de Educação Católica (AEC) não foi o único documento encontrado sobre a Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar que ocorreu em 1952, no México. Algumas cartas datadas de 1953 e 1954, oscilavam entre a euforia com a vitória naquela assembleia e o descontentamento que tomou conta dos educadores católicos da América do Sul com os órgãos diretivos da OMEP, a partir do momento em que as deliberações nela tomadas foram tornadas sem efeito. Uma disputa fora estabelecida. Em meio a textos manuscritos, datilografados e impressos, em português, inglês, francês e espanhol, como cartas, discursos em eventos nacionais, recortes de jornais, questionários, estatutos diversos, prospectos, programas, certificados, boletins e livretos, destaca-se um documento datilografado que sugere uma hipótese para a criação da OMEP no Brasil e permite uma interpretação acerca da escolha de uma educadora católica para colaborar na criação da organização não governamental, em 1953, e posteriormente liderar os trabalhos.

No que se refere à criação da entidade, tal documento aborda problemas existentes na IV Assembleia Mundial realizada no México, em 1952, quando ocorreram irregularidades diversas na medida em que decisões tomadas desrespeitavam os estatutos da entidade internacional, com impacto nas eleições, visto que os não membros da entidade se candidataram a cargos e alguns comitês nacionais não estavam em dia com as contribuições financeiras. Expressava o descontentamento da diretoria da entidade com o

encaminhamento dado na assembleia mexicana, o que deve ter posto por terra o desejo da militância católica de ocupar espaços na OMEP, como é possível interpretar no relatório encaminhado imediatamente após a realização deste evento.

Em maio de 1954, às vésperas da V Assembleia Mundial, prevista na assembleia anterior para ocorrer em Roma, em carta enviada à Secretária do Comitê Nacional Italiano, com cópia para brasileiros, as principais lideranças comunicam que, em função das irregularidades ocorridas no México com a eleição de membros do Conselho Internacional que nunca participaram da organização não governamental, houve protestos dos Comitês Nacionais que não reconheciam a participação dos eleitos ou do espanto que determinadas pessoas manifestaram ao tomarem conhecimento de suas indicações para compor o colegiado de uma organização por elas desconhecida, por exemplo. Assim, considerava-se que o Conselho Internacional não fora validamente eleito e que, portanto, não mais poderia se reunir.

Até a próxima assembleia, Mme Suzanne Herbeniere-Lebert (presidente), Mr Harold Flensmark e Mlle Alice Claret (vice-presidentes) e Lady Allen de Hurtwood (presidente fundadora) respondiam pela OMEP. A carta informava, ainda, que a próxima assembleia ocorreria na Dinamarca e reuniria todos aqueles que desejassem se unir em favor dos objetivos da OMEP, no espírito “oposto a qualquer ação partidária, seja ela qual for”. Designa os membros do gabinete que responderiam pela OMEP e definem aqueles que teriam direito à voto, que pode ser assim resumido: 1) membros desde a fundação, em Paris (1949) e Viena (1950); 2) membros de comitês nacionais que estivessem com as contribuições financeiras quitadas desde 1950; 3) membros de comitês que desenvolviam atividades nacionais e regionais com regularidade. Somente alguns comitês nacionais atendiam tais exigências: Áustria, Bélgica, Dinamarca, França, Grã-Bretanha, Itália, México e Suécia.

A representação brasileira esteve ausente da Assembleia Mundial de 1954, provavelmente em atendimento às deliberações do *Centre Catholique International de Coordination de l'UNESCO* que repudiou as decisões e orientou os católicos a não comparecerem. Relatório sobre a Assembleia de Copenhague deste centro, no ano seguinte, traz detalhes das conclusões indicando o próximo congresso que ocorreria em Roma. Nele, também se pode inferir os possíveis

motivos que moviam os interesses de criação do Comitê Brasileiro, pois traz os bastidores do congresso da Dinamarca, marcado por uma resposta ao Conselho Diretor da OMEP, que tornara nulas decisões tomadas na Assembleia do México, com um destaque para o ambiente geral do evento:

Será lembrado que foi decidido que todos os católicos se absteriam de participar do Congresso de Copenhague, e que o número mínimo de países deveria atender ao convite do Comitê Dinamarquês. Também parecia necessário que uma ação de protesto fosse lançada em Copenhague e que, ao mesmo tempo, uma ou duas pessoas possam participar do Congresso e, assim, informar os Comitês Nacionais, que também se abstêm de dirigir o trabalho. A esse respeito, decidiu-se tentar encontrar um ou dois católicos da nacionalidade de um país que necessariamente iria a Copenhague, para discutir o nome dos países participantes. (...) A delegação austríaca compreendia o Professor Tesarek, representando as escolas comunistas de Viena. A delegação belga é muito ativa e é a melhor preparada tecnicamente (...). Parece também que esta delegação ficou exasperada pela ditadura francesa das Mmes. Herbénier-Lebert e Saunier no Congresso e na OMEP em geral. (...). Havia 25 franceses na delegação da França, todos de tendências laicas e sectárias, colaboradores de Mme. Herbenière-Lebert. Todas essas pessoas foram muito bem organizadas e tiveram o desejo de orientar os debates e comitês técnicos (cargos de presidente e relatores de comissões, etc.)". (Relatório. Conclusões da Assembléia, *Centre Catholique International de Coordination de l'UNESCO*, mimeo, 1955).

Ainda em 1953, um bilhete datilografado, sublinhado no original e grampeado em questionário sobre a situação da educação pré-escolar, encaminhado pela OMEP aos Comitês Nacionais, dá conta de que

conforme las indicaciones del documento del Centro Internacional Católico de Coordinación ante la l'UNESCO, y se debe remitir a la OMEP, centro de Paris. Ni en las respuestas, ni de ninguna otra manera se ha de hacer referencia al documento del Centro Católico. (Grifo no original)

Poucos anos depois, Laura Jacobina Lacombe encaminha uma carta às madres provinciais relatando que acabava de regressar da VI Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar, realizada em Atenas, convencida da necessidade de continuar atuando naquele organismo internacional e formulando um apelo para que as congregações religiosas dela participassem:

Trabalhou-se bem, encontrei alguns elementos católicos e saímos convencidos de que devemos envidar nossos esforços

para podermos influir nos destinos da OMEP. Deve ser essa a atitude dos católicos nos seus respectivos países.

A Itália, que se havia afastado, enviou um observador, que me disse, em conversa particular, que a Santa Sé não deseja que o seu país se afaste de um movimento educacional de tanta importância (Carta de Laura Jacobina Lacombe, 9 de outubro de 1956)

A carta de Laura Jacobina Lacombe aponta para um caminho encontrado pela Igreja Católica, que no Brasil aderiu à renovação metodológica da Escola Nova, sem abrir mão da doutrina, uma vez que suas escolas confessionais precisavam renovar-se pedagogicamente sob o risco de perder seu público. Caberia aos educadores católicos estarem atentos às suas contribuições, sem perder de vista a “filosofia verdadeiramente católica da vida” (Saviani, 2011, p. 299). Atenta a tal filosofia, Laura Jacobina Lacombe identificou durante a viagem à Atenas a importância de fazer da OMEP um espaço de debates sobre a educação pré-primária que contasse com educadores católicos brasileiros.

Uma intelectual católica na liderança

Desfeita a possibilidade de manter em vigor as deliberações da assembleia de 1952, que feriam os princípios defendidos pela OMEP, os educadores brasileiros que haviam se mobilizado para fundar a entidade, nela prosseguiram. Após a saída do primeiro presidente, por razões de saúde, a missão de liderar a entidade no Brasil foi confiada a Laura Jacobina Lacombe, até então na vice-presidência, provavelmente, por sua longa trajetória no debate educacional e militância em associações católicas. A possibilidade de juntar-se a mulheres idealistas, intelectuais comprometidas com a construção de um mundo melhor que ocupavam um lugar social importante em distintos países europeus, algumas delas, inclusive, com presença significativa em organismos internacionais que se constituíam, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), parece ter seduzido educadores brasileiros.

No Brasil, a mulher que passa a atuar na OMEP – entidade que ajudou a fundar – reunira uma vasta experiência em educação na direção do Colégio Jacobina, instituição católica feminina, na Associação Brasileira de Educação

(ABE), na qual se dedicara à Secção de Cooperação da Família, em associações católicas, como a Associação de Professores Católicos do Distrito Federal e a Associação de Educação Católica (AEC). A partir destas inserções profissionais havia percorrido distâncias para se aperfeiçoar. Visitara a Europa, Estados Unidos e América do Sul. Cabe assinalar que nas décadas de 1920 e 1930, a viagem de estudos para o exterior, “com o objetivo de aprofundamento teórico, comunicava simbolicamente uma ação considerada adequada”, segundo Silmara de Fátima Cardoso (2017, p. 361). Ser moderno, implicava “estar atualizado, ter estado, ter visto, ter vivido uma situação de experiência, engendrando uma prática, um ritual, tornando a busca de modelos uma cultura de formação de professores e de atuação de reformadores” (idem).

Neste contexto no qual a viagem constituía etapa importante da formação, em função das precárias oportunidades educacionais em nosso país, ela realizou outros deslocamentos para fora do país. Além de ter ido em 1925 e 1927, à Suíça (Mignot, 2016, 2017, 2018; Mignot, Pires, 2019), em 1929, integrou comissão que visitou os Estados Unidos, liderada por Delgado de Carvalho (Cardoso, 2015). Nas décadas de 1940 e 1950, por sua inserção em associações católicas, esteve presente em eventos promovidos na Argentina, Bolívia, Colômbia, França e Itália, de acordo com seus relatos orais.

Assim, dois anos após a fundação da OMEP, Laura Jacobina Lacombe assumiu a presidência do Comitê Nacional onde permaneceria por 25 anos. Tinha experiência nas disputas políticas que atravessavam os debates nas entidades das quais participara, especialmente na ABE, onde posicionou-se nos embates travados entre os defensores da escola pública, laica e universal e aqueles que lutavam pela liberdade de ensino, ensino religioso e se manifestavam contra a coeducação, ao lado destes últimos, como lembra Marta Chagas de Carvalho (1999). Nas associações religiosas, ela se legitimou como a educadora capaz de interpretar, do ponto de vista católico, as propostas inovadoras de inspiração escolanovista para o professorado, participando, inclusive, de eventos no exterior: em Bogotá (1945), por ocasião da fundação da Confederação Internacional de Educação Católica e em La Paz (1948), onde integrou Comissão de Estudos.

A atuação expressiva de Laura Jacobina Lacombe à frente das discussões escolanovistas remete às considerações de Evelyn de Almeida Orlando (2021) sobre a educação como uma das vias privilegiadas de ação das intelectuais católicas viajantes, que as coloca em um lugar de sujeitos de saberes:

Assim como os homens, elas estudaram, viajaram, tiveram contato com outras culturas, reelaboraram suas visões de mundo, apropriaram-se de diferentes conhecimentos, produziram saberes e os publicizaram, atuando tanto na produção quanto na circulação do conhecimento. Projetaram um Brasil e o endereçaram à sociedade por meio de suas ideias, constituindo-se como intelectuais e construtoras da nação. (Orlando, 2021, p. 56).

Para além de uma participação como sujeito de fazeres, segundo a autora, os deslocamentos que empreendeu ampliaram sua bagagem intelectual, circunscrevendo-a como sujeito de saberes. Por meio do intercâmbio de modelos internacionais, uma espécie de “Escola Nova Católica” (Saviani, 2011, p. 300) ganhou contornos distintos das discussões iniciadas na década de 1920 e consolidadas no Manifesto dos Pioneiros, em 1932. As ideias de Laura Jacobina Lacombe indicam que a pedagogia nova sofreu especificações na sua relação com a pedagogia católica, em função das trocas estabelecidas nos congressos em que esteve presente, com educadores laicistas e religiosos de diferentes partes do mundo.

Afinal, mulheres se movimentavam. Com a facilidade dos meios de transporte, saíam, viajavam, migravam. Elas “[...] fizeram viagens em todas as épocas e pelas mais diversas razões. De uma maneira menos gratuita, menos aventureira que os homens porque sempre precisaram de justificativas, de objetivos ou de apoio”, como assinala Michelle Perrot (2015, p. 138).

Ainda que Laura Jacobina Lacombe tenha tido a liberdade de sair do confinamento esperado das mulheres, de promover intercâmbios e circulação de saberes pedagógicos entre educadores brasileiros e estrangeiros, as temáticas de sua produção intelectual denotam, ainda no dizer de Michelle Perrot (1998), uma atuação especificada, própria do que era considerado inerente ao universo feminino quando vivida no espaço público, um mundo masculino, do qual lentamente elas foram se apropriando, sobretudo na área da educação, com a escrita de artigos para impressos, por exemplo. Publicou em *A Ordem* (Magaldi,

2008) e na *Revista Brasileira de Pedagogia*, periódico que contou com a participação de mulheres importantes no cenário educacional, dentre as quais, a intelectual Maria Junqueira Schmidt que, distinguia-se, também, como uma viajante “[...] produtora e mediadora de uma cultura católica, profundamente engajada nas questões sociais de seu tempo” (Orlando, 2015, p. 209).

Ao se mapear a composição de diretorias e palestrantes de eventos, é possível afirmar que foi a partir de uma grande rede já construída de educadores católicos que se estruturou o Comitê Brasileiro da OMEP. Valendo-se de publicações e cartas escritas com a intenção de promover as bandeiras da entidade, Laura Jacobina Lacombe estreitou laços com instituições católicas, consolidando assim sua liderança, o que contribuiu para impulsionar as ideias em favor de políticas para a infância.

Com a passagem do tempo e arrefecidas as tensões geradas pelas disputas travadas entre católicos e pioneiros na ABE, na primeira diretoria da OMEP/Brasil estavam companheiros de outros tempos. Entre os “pioneiros da OMEP-Brasil”, ainda nas palavras de Maria Olympia da Silveira Ferreira e Maria da Luz Fernandes Perim (2003, p. 25), estavam também Sara Dawsey do Colégio Bennett, Noemy da Silveira Rudolfer e Lourenço Filho – mais tarde Presidente de Honra – que assinam artigos no *Boletim Oficial* da OMEP, uma publicação que procurava reverberar as discussões travadas nas assembleias mundiais.

Nesta confluência de educadores católicos e liberais, Laura Jacobina Lacombe conquistou maior visibilidade, assegurando assim, a ampliação da entidade em comitês estaduais. Em discurso de despedida, quando passa a presidência para Vital Didonet, fornece indicações sobre as estratégias que lançou mão para cumprir as exigências estabelecidas pela OMEP internacional de que para ter participação nas deliberações do organismo seria necessário estar em dia com as contribuições financeiras, participar de atividades internacionais e promover eventos nacionais, além de ter jardins de infância em duas ou mais cidades. Tais estratégias envolveram mobilizar educadoras católicas para a diretoria, valendo-se assim das estruturas de congregações religiosas responsáveis por colégios na cidade do Rio de Janeiro, como pode ser

visto no livro comemorativo do Jubileu de Ouro da OMEP/Brasil, anteriormente citado:

Não posso deixar de referir-me ao auxílio precioso que me foi dado pelas Congregações Religiosas e suas Representantes, entre elas: Mère Mikéal, da Congregação das Missionárias de Maria; Maria de Jesus, do *Sacre Coeur* de Marie e a Superiora do Colégio da Companhia de Maria, do Grajaú, entre outras. Em pouco tempo, sentimos a impossibilidade de nos mantermos nesses estatutos: as Superiores foram sendo substituídas nos seus estabelecimentos, e as que vinham nem sempre se interessavam pela OMEP.

Mas a equipe da Diretoria que contava com algumas religiosas dedicadas, não havia perdido o seu tempo. A OMEP ficou rapidamente conhecida pelos cursos, conferências e mesas redondas que organizava e que eram frequentadas por avalanches de jovens professoras.

Quem assistiu aos Cursos que se realizavam no auditório do então Colégio Santa Úrsula, deve lembrar-se da multidão que chegava a ocupar o palco, em torno do orador (Lacombe, 2003, p. 41).

O auxílio de educadoras católicas demonstra o que estava em jogo para que ela alcançasse maior visibilidade e alargasse seu espaço. Viajar para aprender e ensinar não era suficiente para a legitimação de sua trajetória profissional, ela dependia também do envolvimento de seus pares para divulgar ideias e conquistar um público mais amplo, na medida em que se propunha pensar a educação para a infância no Brasil, moldada pela fé que professava.

Entre registros do evento

Durante o período que exerceu a presidência do Comitê Brasileiro, Laura Jacobina Lacombe esteve presente nas assembleias mundiais da OMEP, em Atenas (1956), Bruxelas (1958), Zagreb (1960), Londres (1962), Estocolmo (1964), Paris (1966), Washington (1968), Bonn (1971), Caracas (1974), Varsóvia (1977) e Quebec (1980). Com o passar dos anos, levou participantes de outros estados a estes eventos internacionais, fazendo com que as viagens se constituíssem em importante dispositivo de formação. Se toda viagem educa, como lembra António Vinão (2007), é possível supor que ali tomavam conhecimento das principais pesquisas e iniciativas em favor da infância em diferentes países. Ouviam conferências, palestras, integravam grupos de estudo,

visitavam bibliotecas, museus, escolas, universidades. Anotavam as inovações, comparavam com a realidade brasileira, elaboravam propostas, comunicavam a experiência. Seus relatos de viagem estavam registrados na imprensa, em relatórios e em palestras, circulando, assim, de modo a seduzir as professoras e autoridades para uma questão que merecia atenção. Deste modo, Laura Jacobina Lacombe se fazia ouvir, ampliando seu prestígio e autoridade.

Neste esforço para conquistar adeptos para a causa que amalgamava os educadores reunidos em torno da OMEP, ela investiu na circulação do conhecimento sobre a importância de criar escolas e formar professores para as crianças pequenas. A partir de 1956, não se limitou a participar de todas as Assembleias Mundiais. Percorreu o país para proferir palestras, estabelecer laços, interferir no debate. A título de exemplo, no retorno da X Assembleia Mundial da OMEP, em Estocolmo, realizada em 1964, que teve por tema central “As crianças num mundo em rápida mudança”, proferiu palestra em Porto Alegre, na qual apresentava à plateia um resumo da programação e dos temas nela tratados, começando a dizer que o evento era considerado tão importante que congregara mais de 500 participantes de 34 países.

Sua participação na VII Assembleia Mundial da OMEP não significou para ela conhecer um novo país. Esta não seria a primeira vez que Laura Jacobina Lacombe iria à Bélgica, terra de Decroly, educador que ela conhecera e admirava. Em 1927, fora representante do Brasil e da Associação Brasileira de Educação (ABE), em Locarno, Suíça, por ocasião do *IV Congrès International d'Education Nouvelle*, presidido por Pierre Bovet do *Institut Jean-Jacques Rousseau*, evento que debateu princípios da educação moderna quando conviveu com aqueles que julgava serem “verdadeiros apóstolos” da educação. Na ocasião, viajou até a Bélgica para visitar uma escola, como mais tarde também lembrou em depoimento:

[...] eu recebi 10 contos e com esses 10 contos eu fui à Europa, fui ao congresso e depois fui à Bélgica e estagiei na Escola Decroly, porque lá em Locarno eu conheci o Professor Decroly e ele ficou muito interessado pelo colégio, porque o dele também tinha começado em casa com a família. Então, ele conversava muito comigo e foi muito amável e eu estive não só em casa dele como também estagiei uma semana inteira na *Ecole de l'Ermitage* de manhã à noite. (Lacombe, 1974).

O convite recebido para conhecer a *Ecole l'Ermitage* após o término do congresso, lhe permitiu observar a experiência pedagógica do educador belga, nos arredores da cidade de Bruxelas, com a educação de crianças consideradas “retardadas” e “anormais”. O centro de interesses por ele criado em seu sistema de ensino foi comparado em importância por Manuel Bergstrom Lourenço Filho (1962), aos criados por Maria Montessori e John Dewey, o que encantou Laura Jacobina Lacombe que comentou no relatório apresentado ao Conselho Diretor da ABE: “Tive a felicidade de ver a escola que considero o verdadeiro modelo em educação moderna, que é a do professor Decroly. Seria de grande vantagem para nós, si pudéssemos tê-lo aqui por algum tempo, orientando-nos nesse ideal que a todos nós entusiasma: a educação! [...]” (1927, s/p). Em plena reforma de Fernando de Azevedo no Distrito Federal, a ênfase dada a esta visita à escola de Ovide Decroly no relatório, talvez se deva ao fato de que ela ocorreu em momento de difusão das ideias do educador no Brasil, quando suas obras passaram a ser traduzidas para o professorado (Hai; Simon; Depaepe, 2015). Além de observar, Laura Jacobina Lacombe informou ao educador que suas ideias estavam sendo apropriadas no Colégio Jacobina que dirigia, e, anos mais tarde enfatizaria a importância desta visita:

De volta eu fiz uma grande reforma no curso primário, que antigamente tinha uma professora para cada matéria e foi a primeira vez então que nós tivemos centros de interesse no colégio. O programa eu tinha levado, feito pelo professor Sussekind de Mendonça que me pediu que mostrasse a Decroly para sua aprovação, o que eu fiz. (Depoimento de Laura Jacobina Lacombe, MIS, 1974).

Laura Jacobina Lacombe retornou à Bélgica em 1933 quando, ela por sugestão de religiosos brasileiros e estrangeiros lá esteve para aprimorar seus “conhecimentos acerca da educação católica”, segundo Andrea Caruso:

Após seu afastamento da ABE no início da década de 30 (...) a diretora do Jacobina diplomou-se pela Universidade de *Louvain*, na Bélgica, onde esteve em 1933. Aceitando a sugestão de Christine de Hemptinne, diretora da Escola Normal em Bruxelas, além de incentivada pelo Padre Leonel Franca, Laura deixou o Brasil para aprimorar seus conhecimentos acerca dos princípios católicos de educação. Diz ela em uma edição do Traço de União, ter lucrado muito para o fim a que se destinava, uma vez que para além do que pode melhorar no Jacobina, também colaborou com o núcleo da boa vontade da Associação

de Professores Católicos do Rio de Janeiro, escrevendo artigos para jornais, como o *Jornal do Brasil*. (Caruso, 2006, p. 155)

Diferentemente de outras assembleias da OMEP das quais participou, não localizamos os registros que ela produziu durante e após este evento na Bélgica. Fazendo falar as coisas mudas, tarefa de historiadores diante de lacunas e silêncios, adentramos pelos Anais do evento, supondo que, Laura Jacobina Lacombe provavelmente registrou as palavras proferidas, em Bruxelas, por Harold Flensmark (1958), Presidente Mundial da OMEP, que depois de lembrar do contexto de criação da organização não governamental, enalteceu os esforços de muitos para a criação; ressaltou a contribuição dos organizadores dos eventos anteriores em Paris, Viena, Cidade do México, Copenhague e Atenas e dos apoios recebidos na Bélgica; agradeceu a presença de participantes que vinham de países distantes como Brasil, Canadá, Estados Unidos e Filipinas; e encerrou realçando que a OMEP não era mais a mesma de 10 anos atrás, numa provável alusão às polêmicas que se deram após a Assembleia de 1952, resultando em disputa com grupos católicos como já apontado.

Os conferencistas convidados, por sua vez, abordaram a importância de políticas para a infância derivadas dos estudos que vinham se realizando sobre o desenvolvimento físico e emocional das crianças. De Greef, professor da *Université de Louvain*, Miss E. M. Gardner, líder do Departamento de Desenvolvimento Infantil da *University of London*, e o Professor Fernand Dubois, da *Free University of Brussels* exploraram aspectos distintos baseados nas pesquisas que realizavam a respeito do vínculo das crianças com as mães, construído através de gestos e atitudes que geram confiança e sensação de proteção; as consequências dos danos precoces às crianças de 0-5 anos e o valor do Jardim de Infância para a saúde física, especialmente nas grandes cidades que restringiam os espaços de brincadeiras e lazer; e, finalmente, sobre a nutrição e cuidados com a saúde que deviam cercar os pequeninos.

Na VII Assembleia Mundial, em 1958, realizada em Bruxelas, o Brasil ainda não atendia as exigências que permitiriam sua plena participação nas deliberações que seriam tomadas internacionalmente em favor da educação pré-escolar. Interessante observar que apesar de ter em sua representação uma única pessoa, enquanto outros países levaram número expressivo de

participantes, coube à Laura Jacobina Lacombe presidir um dos três grupos de trabalho sobre as atividades mais apropriadas para crianças de até 7 anos, de modo a contribuir para o seu desenvolvimento físico, emocional, mental e social livre, que refletiu sobre a importância de algumas atividades essenciais ao atendimento das necessidades da “criança normal”.

Durante o debate, o grupo especificou atividades adequadas para a criança, desde o nascimento até a idade de andar e ingressar na creche, que variava entre dois, dois anos e meio e três anos, de acordo com cada país, como lembra (Correia, 2021). Em suas conclusões apontou a importância das famílias, a necessidade de educar as mães, reunir esforços de diferentes organizações e atuar na formação dos profissionais que trabalhariam com as crianças. Tal necessidade de educar as mães vai ao encontro dos estudos de Faria (1997), ao colocar que a organização socioeconômica da sociedade do momento refletia em uma proposta de educação infantil mais sistematizada e científica, que apontava para a ideia de uma certa desorganização das famílias e era pensada para a submissão dessas famílias e das crianças das classes populares, ao buscar retirar os pequenos das influências da rua que pudessem contaminá-los.

Convencidos da necessidade de promover o acesso a objetos e brincadeiras de modo a favorecer o desenvolvimento social e o senso estético, defenderam a necessidade de alternar atividades individuais e coletivas. O grupo de trabalho presidido por Laura Jacobina Lacombe em suas conclusões apontou a importância das famílias, a necessidade de educar as mães, reunir esforços de diferentes organizações e atuar na formação dos profissionais que trabalhariam com as crianças:

1. É com a mãe no lar que as necessidades psicológicas e emocionais da criança podem ser mais bem atendidas, e que aqui também é o ambiente mais favorável para o desenvolvimento da linguagem da criança pequena e a melhor base para o seu desenvolvimento satisfatório no futuro.
2. A educação das mães do futuro deve começar com a criança em idade pré-escolar, e que em todos os lugares deve ser promovida uma política de ajuda no lar para a mãe de crianças com menos de três anos. Um sistema de emprego a tempo parcial também resolveria muitos problemas.
3. Todas as organizações para o cuidado de crianças pequenas devem trabalhar em conjunto para garantir que as creches tenham pessoal bem qualificado e que as escolas infantis se beneficiem da ajuda dos serviços de enfermagem.

4. Todos os que estão preocupados com o cuidado de crianças pequenas devem ter um treinamento tão perfeito quanto possível, para que possam cuidar e educar.
5. Aqueles que trabalham com crianças em idade pré-escolar devem, na medida do possível, serem as mesmas pessoas (ou seja, não deve haver muitas pessoas diferentes trabalhando com a mesma criança ou grupo de crianças). (OMEP, 1958, p.3).

Apesar de Laura Jacobina Lacombe ser a única representante brasileira no evento, é importante observar que ela assumiu um lugar de destaque. Isto talvez se deva ao fato de que ela tinha fluência em línguas estrangeiras – inglês, francês e espanhol – o que facilitava a comunicação, a troca de ideias, a intervenção em debates e a elaboração de propostas. Não se pode perder de vista que a sua participação poderia contribuir de modo decisivo para a expansão da OMEP na América do Sul, na medida em que reunia liderança suficiente para angariar adeptos que assegurassem a circulação de ideias que amalgamavam todos aqueles que lutavam pela educação da criança pequena, ainda que marcadas por uma visão assistencialista, pois, conforme assinala Faria (1997), as políticas brasileiras para a educação infantil pautavam-se no sistema de proteção social que se expandira em moldes semelhantes aos dos anos de 1930/1940.

Tal intervenção do Estado possuía caráter seletivo, heterogêneo e fragmentado, baseava-se na divisão técnica e social do trabalho, pois era aplicada separadamente nos campos da educação, da saúde, da assistência social e da habitação popular. Os significados da infância e as questões que envolviam a formação dos profissionais da educação infantil apresentavam como pano de fundo os acelerados processos de industrialização e urbanização da sociedade brasileira, em que a criança era percebida segundo as determinações das relações de produção vigentes na época.

Enfim, desdobramentos da viagem

Investigar a viagem de Laura Jacobina Lacombe à Bélgica, em 1958, para participar da VII Assembleia Mundial de Educação Pré-Escolar, trouxe como exigência examinar os Anais do evento, bem como documentos sob a guarda da OMEP, desconsiderados até então. Isto permitiu enveredar por caminhos ainda

não explorados pela historiografia da educação, especialmente o papel dos educadores católicos na criação da organização não governamental, em nosso país, que emergiu, em nossa interpretação, de interesses outros além da compreensão que se tinha da precariedade do atendimento às crianças pequenas.

Tendo participado da assembleia de Atenas, realizada dois anos antes, Laura Jacobina Lacombe viajou à terra de Decroly convencida de que era necessário assegurar a participação de educadores católicos no debate e formulação de políticas para a educação da criança pequena, o que significou sensibilizar a população acerca das necessidades da infância, comprometer governos com a instalação de creches e jardins de infância e com políticas destinadas à formação de professores da pré-escola, por exemplo, seguindo aquilo que era preconizado internacionalmente.

Ao desembarcar no Brasil, ela concedeu uma entrevista ao jornal *O Globo*, (Lacombe, 1958, p. 2) na qual foi apresentada como Presidente do Comitê Nacional Brasileiro da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar e delegada do país ao conclave. Com o título “Educação Pré-Escolar num Congresso Mundial”, a matéria registrava ter sido o Brasil o país que apresentou o maior número de teses no evento e reproduz a fala da educadora: “Trinta países participaram do congresso, onde durante uma semana trabalhamos arduamente, pois constavam do programa visitas a jardins de infância e lugares históricos”. Mais adiante disse que as línguas faladas do congresso eram o inglês e o francês, por isto, julgava que a barreira da língua impedia a participação de

professoras de real valor, donas de sólida cultura e plenamente senhoras dos assuntos e temas tratados, [que] ficaram, entretanto, impossibilitadas de cooperar nessa assembleia internacional, pelo fato de não dominarem os idiomas mais falados (...). Aconselho, portanto, às minhas alunas que estudem línguas. Que não deixem de fazê-lo.

Por fim, informava que a OMEP/Brasil iniciaria dois cursos no Rio de Janeiro: Psicologia e Recreação. Estava convencida de que, deste modo colaborava para a “causa da educação pré-primária, proporcionando às professoras meios para se aperfeiçoarem, aprofundando os seus conhecimentos teóricos e práticos, em benefício da infância de nosso país”.

Sua preocupação em divulgar o congresso sugere que não bastava viajar. Tão importante quanto partir era dar a ver o que foi visto e, deste modo, contribuir para que as ideias viajassem na perspectiva de Jean Houssaye (2007, p. 298), ao defender que as pedagogias passam por modelos de importação e exportação, ou seja, sofrem “especificações” à medida que circulam a partir de movimentos de trocas nacionais e internacionais, sendo “ [...] difícil fazer a história da Pedagogia, bem como [...] produzir uma história dos pedagogos de cada país sem fazer referência aos pedagogos de outros países.”

Assim como outras viagens internacionais e nacionais que a legitimaram na cena educacional – pois a educadora passa a ser vista como uma voz autorizada na defesa da expansão da educação infantil – esta se constituiu em oportunidade de formação. Como lembra Sara Raphaela Amorim (2024, p. 73;74), o sujeito que viaja retorna diferente de quando partiu, pois

[...] sua bagagem entendida aqui de forma concreta e metafórica, compõe-se dos presentes recebidos, das experiências vividas e dos registros que apontam possibilidades de novos caminhos.

Os esforços para dar visibilidade à importância da educação infantil, através de articulação com organismos internacionais e com o poder público, sensibilização da população em entrevistas, promoção de congressos, semanas de estudos, palestras, publicações, experiências de educação infantil destinadas às comunidades mais carentes, por exemplo, não impediram que a presença de Laura Jacobina Lacombe na presidência da OMEP/Brasil tenha permanecido obscurecida na historiografia da educação.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Sara Raphaela Machado de. Destinos, alianças e propostas educacionais na travessia comissionada de Nestor dos Santos Lima (1923). In: MIGNOT, Ana Chrystina. **Pelo mundo afora: viagens de educadores**. Curitiba: CRV, 2024, pp. 59-80.

CARDOSO, Silmara de Fátima. **“Viajar é ser autor de muitas histórias”: experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagem aos Estados Unidos (1929-1935)**. (Universidade de

São Paulo, 1929-1935). 2015, 236 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CARUSO, Andrea Soares. **Traço de união como vitrine: educação feminina, ideário católico e práticas escolanovistas no periódico do Colégio Jacobina.** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). 2006, 231 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

CARVALHO, Marta Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica.** Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, EDUSF, 1999.

CARVALHO, Luisa Delgado de. **Caminhos da vida, percursos na infância: um estudo sobre a trajetória profissional da educadora Astrogildes Delgado de Carvalho (anos 1940/1980).** (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1940-1980). 2014, 187 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CLARET, Alice. OMEP is ten years old. **7ª Assembleia Mundial da OMEP** - Organisation Mondiale de l'Éducation Préscolaire. Bruxelas, OMEP, 1958. p. 4 Disponível em: http://www.worldomep.org/index.php?hCode=CONF_LIST. Acesso em: (01 jun. 2021).

CORREIA, Vanessa Lima. **Um destino, muitas ideias: a viagem de Laura Jacobina Lacombe à Bélgica como representante da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar (1958),** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação (Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia). 2021.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUBOIS, Fernand. Diversity and Unity in the growth of young children. **7ª Assembleia Mundial da OMEP** - Organisation Mondiale de l'Éducation Préscolaire. Bruxelas, OMEP, 1958. Disponível em: http://www.worldomep.org/index.php?hCode=CONF_LIST. Acesso em: (01 jun. 2021).

FARIA, Sonimar Carvalho. História e políticas de educação infantil. In: FAZOLO, Eliane; CARVALHO, Maria Cristina; LEITE, Maria Isabel; KRAMER, Sonia. **Educação Infantil em curso.** Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

FERREIRA, Maria Olympia da Silveira; PERIM, Maria da Luz Fernandes. **A história da OMEP no Brasil (1953-2003).** Rio de Janeiro: Ravil Editora, 2003.

FLENSMARK, Harold. Speech by the World President of OMEP. **7ª Assembleia Mundial da OMEP** - Organisation Mondiale de l'Éducation Préscolaire. Bruxelas, OMEP, 1958. Disponível em: http://www.worldomep.org/index.php?hCode=CONF_LIST. Acesso em: (01 jun. 2021).

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ações políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HAI, Alessandra Arce; SIMON, Frank; DEPAEPE, Marc. Translating Ovide Decroly's ideas to Brazilian teachers. In: **Paedagogica Historica**, 51:6, 744-767, 2015.

HOUSSAYE, Jean. Pedagogias: importação-exportação. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007, pp. 294-314.

LACOMBE, Laura Jacobina. **Relatório do Congresso Internacional de Educação Moderna**. Rio de Janeiro: Arquivo da Associação Brasileira de Educação, 1927. manuscrito.

LACOMBE, Laura Jacobina. Entrevista. **O GLOBO**, Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), p. 2; 2 set. 1958.

LACOMBE, Laura Jacobina. **Depoimento ao Museu da Imagem e do Som**. Rio de Janeiro (Rio de Janeiro). 2 maio 1974.

LACOMBE, Laura Jacobina. Um pouco da história da OMEP/Brasil. In: FERREIRA, Maria Olympia da Silveira; PERIM, Maria da Luz Fernandes. **A história da OMEP no Brasil (1953-2003)**. Rio de Janeiro: Ravil Editora, 2003, pp. 40-44.

LÁZARO LORENZE, Luis Miguel. O “espírito de Genebra” y los educadores españoles de entreguerras. In: HERNANDEZ DIAZ, José Maria (coord). **Influencias suizas en la educación española e iberoamericana**. Salamanca: Aquilafuentes, 2016, pp. 37-52.

LOPER, Harold W. Message from Mr. Harold W. Loper. **7ª Assembleia Mundial da OMEP** - Organisation Mondiale de l'Éducation Préscolaire. Bruxelas, OMEP, 1958. Disponível em: http://www.worldomep.org/index.php?hCode=CONF_LIST. Acesso em: (01 jun. 2021).

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergstron. **Introdução ao estudo da Escola Nova no Brasil: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea**. São Paulo: Melhoramentos. 1962.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo. Crônica feminina: sobre o lugar da mulher e de sua educação no periódico católico *A Ordem* (anos 1930). In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Melo; XAVIER, Libânia Nacif (org.). **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MIGNOT, Ana Chrystina. “Claparède, mestre e amigo: memórias de travessias”. In: HERNANDEZ DIAS, José Maria (org). **Influencias suizas en la educación española e iberoamericana**. Salamanca: Aquilafuentes, 2016, v. 1, p. 355-

374~. [publicado também na *Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE)*, 2016. V.2, pp. 355-364].

MIGNOT, Ana Chrystina. “Eternizando travessia: memórias de formação em álbum de viagem”. **Revista Brasileira de Pesquisa(Auto)biográfica**, 2017. v. 2, pp. 330-342;

MIGNOT, Ana Chrystina. “Encontros marcados: redes de ideias e afetos de educadores em escritas de viagem.” In: MIGNOT, Ana Chrystina; MORAES, Dislane Zerbinatti; MARTINS, Raimundo. (Org.). **Atos de biografar: narrativas digitais, história, literatura e artes**. Curitiba: CRV, 2018, p.101-120 .

MIGNOT, Ana Chrystina; PIRES, Raquel Lopes. Entre “verdadeiros apóstolos”: uma educadora brasileira no Congrès International d’Éducation Nouvelle (Locarno - 1927)”. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade** [online]. 2019, vol.28, n.54, pp.125-138.

MOTTA, Maria Cecília Amêndola. **As ações da Organização Mundial para a Educação Pré-escolar – OMEP/Brasil/Mato Grosso do Sul e suas contribuições para a educação infantil em Mato Grosso do Sul**. Universidade Católica Dom Bosco, 2003.

OMEP. **Plan - Informacion sobre el estado actual de la educacion pre-escolar**. Organisation Mondiale de l’Éducation Préscolaire, 1953, mimeo, s/p.

OMEP. **Origins of OMEP**, 7ª Assembleia Mundial da OMEP - Organisation Mondiale de l’Éducation Préscolaire. Bruxelas, OMEP, 1958. p. 3.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Quando o mundo cabe na bagagem: as experiências de formação e distinção de Maria Junqueira Schmidt no cenário educacional brasileiro**. In: SILVA, Alexandra Lima da;

ORLANDO, Evelyn de Almeida; DANTAS, Maria José (org.). **Mulheres em trânsito: intercâmbios, formação docente, circulação de saberes e práticas pedagógicas**. Curitiba: CRV, 2015, pp. 209-225.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. Mulheres intelectuais: onde elas estão em nossa História? In: ORLANDO, Evelyn de Almeida; MESQUIDA, Peri. **Intelectuais e Educação: contribuições teóricas à História da Educação**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, pp. 43-60.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2015.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

RANCIÈRE, Jacques. Sobre a história das mulheres no século XIX. In: DUBY,

Georges; PERROT, Michelle. **As mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

SANTOS, Daise Silva dos; MIGNOT, Ana Chrystina; PERDOMO, Selma Barboza. “À beira do cais: um divulgador das ideias de Édouard Claparède em Minas Gerais”. **Educação em Revista**. (UFMG). 2021, v. 37, p. 1-21.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas/SP: Autores Associados, 2011.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: SIRINELLI, Jean-François; RIOUX, Jean-Pierre (Dir.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1996, pp. 248-310.

VILARINHO, Lucia Regina Goulart. **A educação pré-escolar no mundo ocidental e no Brasil – perspectivas histórica e crítico-pedagógica**. 297 f. (Tese de Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Viajes que educan. In: MIGNOT, Ana Chrystina; GONDRA, José (org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2007, pp. 15-38.

Submissão em: 12 de abril de 2025

Aceite em: 09 de outubro de 2025

ⁱ **Ana Chrystina Venancio Mignot**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Doutora em Ciências Humanas/Educação. Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro no Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd/UERJ). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa Escola, Memória e Cultura Escrita. Pesquisadora do CNPq 1D, Cientista de Nosso Estado FAPERJ e Procientista UERJ/FAPERJ.

E-mail: acmignot@terra.com.br

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1081444223864667>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8944-2021>

ⁱⁱ **Vanessa Lima Correia**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Mestre em Educação, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, curso realizado com Bolsa Faperj. Graduada em Pedagogia pela mesma instituição.

E-mail: vanessa.limacorreia@yahoo.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9373262421738023>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5330-2411>

iii **Priscila de Araujo Garcez.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Pós-doutoranda em História, na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Doutora e Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Especialista em Docência na Educação Infantil (UFRJ) e graduada em Pedagogia (UERJ).

E-mail: priscila27.rj@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0539678112039248>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4811-4336>